

**PINTORES**  
*de* **LETRAS**



**NICOLE CASTRO E  
RAFAEL HOFFMANN**



# ***PINTORES DE LETRAS***

Uma viagem pela cultura popular e memória gráfica de Santa Catarina



***NICOLE CASTRO E RAFAEL HOFFMANN***

***CRICIÚMA, SANTA CATARINA, BRASIL***



Realizado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), por meio do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Edição 2023.



"O MUNDO FEITO À MÁQUINA NÃO  
COMPREENDE OS BORDOS IRREGULARES  
DO BARRO, NÃO GOSTA DOS VIDRADOS  
ESCORRIDOS DESIGUALMENTE, NÃO  
APRECIA A BONITEZA TORTA DAS  
CANECAS, DAS JARRINHAS SEM  
EQUILÍBRIO TOTAL"

CECÍLIA MEIRELLES

12

**GUIA DE VIAGEM**

Também conhecido como apresentação

18

**PREFÁCIO**

Por Fernanda Martins

24

**CAMINHANDO  
ENTRE LETRAS**

A onipresença das letras na paisagem  
urbana

28

**ALÉM DAS  
PALAVRAS**

Uma introdução a conceitos e  
significados

34

**MEMÓRIA  
GRAVADA  
EM TINTA**

Os letrados populares como  
elementos da memória gráfica

38

**LETRAS QUE  
CONTAM  
HISTÓRIAS**

Origens e evolução da pintura  
comercial urbana em Santa Catarina

60

**PANORAMA  
CATARINENSE**

As letras e os letrados na atualidade

# 64

## **REGIÃO SUL**

Eric Lenon de Aguiar.....	72
Luiz Machado.....	78
Hanna dos Santos.....	82
Gustavo, Patrick e Tiago.....	86
Rogério "Roi" Nascimento.....	90

# 94

## **GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Afonso Azevedo Costa.....	100
José Moacir Magalhães.....	104
Josué Carvalho.....	110

# 114

## **VALE DO ITAJAÍ**

Paulo Gaspar Luiz.....	120
César Brito.....	124
Ednei "Nei" Borges.....	128

# 132

## **REGIÃO SERRANA**

Everton Oliveira Figueiró.....	138
Paulo Roberto da Silva.....	142
Rudimar "Rudy" Dutra.....	146

# 152

## **NORTE CATARINENSE**

Jovelino Tadeu Rosa.....	158
Gilvan do Prado Lima.....	164
José Elizeu da Costa.....	168

# 174

## **OESTE CATARINENSE**

Darlan Joelson Valentim.....	180
Elemar de Bastos.....	184

# 190

## **A TINTA RESISTE**

Percepções sobre o cenário  
catarinense

# 196

## **LETRAS POPULARES EM SANTA CATARINA**

# 208

## **LETRISTA OCASIONAL**

Irmão Ramos.....218

# 230

## **CIDADES EM TRANSFORMAÇÃO**

A comunicação visual e a paisagem urbana

# 238

## **À BEIRA DO MAR DE MESMICE**

Sobre a homogeneização da  
paisagem urbana

# 246

## **DA TINTA AO PIXEL**

O impacto das mídias sociais na valorização  
das letras populares

252

**DA INSPIRAÇÃO  
À APROPRIAÇÃO**

O uso de expressões da cultura popular

258

**O PAPEL DA  
INDÚSTRIA CRIATIVA**

Responsabilidade cultural e mercado

264

**RASTROS DE TINTA**

Nosso olhar sobre presente e futuro

270

**AGRADECIMENTOS**

274

**NOTAS**

276

**REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS**

# GUIA DE VIAGEM

O que hoje virou o livro Pintores de Letras começou em 2016 como um registro fotográfico das letras populares do Sul de Santa Catarina. A inspiração veio de projetos como Abridores de Letras de Pernambuco, com a Fátima Finizola, o Damião Santana e a Solange Coutinho, e Letras que Flutuam, da Fernanda Martins e da Sâmia Batista. Começamos a fotografar letreiros, cartazes de mercado, faixas, plaquinhas improvisadas, tudo que encontrávamos em nosso dia a dia ou quando saíamos só para caçar letras pintadas. A escolha pela região foi puramente logística, moramos em Criciúma e estamos sempre indo para Passo de Torres, que fica na divisa com o Rio Grande do Sul, cidade natal da Nicole. Essas duas cidades são praticamente a alma do nosso acervo fotográfico, então espere ver bastante delas durante o livro.

Desde o início, queríamos contar a história dos pintores por trás das letras e contribuir com as ações de valorização da memória gráfica popular que vinham acontecendo há mais de uma década na área de design gráfico, especialmente no norte e nordeste do Brasil. A ideia inicial era produzir um documentário com os profissionais da região, ouvir suas histórias e conhecer suas técnicas. Insistimos por alguns anos, inscrevendo o projeto em editais de estímulo à cultura, criando campanhas em plataformas de financiamento, mas nunca ia pra frente. Acredite, gravar um documentário é muito caro e consome muito tempo. Até que, em 2023, quando estávamos quase desistindo, pensamos: “E se a gente fizesse um livro?”. Pensamos nisso porque escrever, produzir

e diagramar um livro é mais fácil, já que tudo isso nós mesmos poderíamos fazer. Tentamos mais uma vez e deu certo. Ganhamos o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura no mesmo ano, na categoria Artes Visuais. Com ele, foi possível expandir a pesquisa e visitar o estado inteiro. A partir daí, começamos nossa jornada: rodamos mais de 4 mil quilômetros por Santa Catarina para conhecer e bater papo com as estrelas do livro que tu tá segurando agora.

No começo, achávamos que o livro ia ser uma coisa bem técnica. Um livro que falaria sobre o pincel modelo 172, de formato chato e longo, feito com pelo de orelha de boi. Falaria sobre serifas toscanas, triangulares ou em forma de filete. Sobre kerning, entrelinha, ductus. Letras cursivas, manuscritas ou grotescas. É claro que a parte técnica não ficou de lado, mas este é, mais do que tudo, um livro sobre pessoas. Pessoas que pintam letras, não à toa se chama Pintores de Letras, né?

O livro está dividido em quatro blocos. No primeiro, apresentamos conceitos básicos para explicar porque acreditamos que o trabalho desses letristas é tão importante e precisa ser reconhecido como parte da nossa cultura. Também fizemos uma pesquisa histórica inédita em hemerotecas digitais para descobrir quem foram os pioneiros dessa profissão em Santa Catarina.

Já no segundo bloco, tu vai encontrar dezenove entrevistas com pintores de todas as regiões do estado. Essas páginas são o coração do livro. Elas guardam

histórias engraçadas, emocionantes e algumas até um pouco tristes. As dicas técnicas sobre como escolher o pincel certo, qual tinta usar e como achar a letra ideal para cada cliente também estão por lá.

Dedicamos a terceira parte do livro para falar sobre o letrista ocasional. Aqueles que não têm a técnica dos pintores profissionais, às vezes nem os materiais necessários, mas encontram uma solução acessível e eficaz para uma resolver um problema de comunicação.

No bloco final, falamos de alguns temas que surgiram nesses quase dez anos de pesquisa, como homogeneização cultural, uso de mídias sociais para divulgação do trabalho dos pintores letristas, até as leis que regulam a comunicação visual em espaços públicos. Lá deixamos nossas dúvidas e opiniões. A ideia não é buscar por respostas ou certezas, mas estimular a conversa para, talvez, gerar ainda mais dúvidas. Afinal como diria aquele físico descabelado ou aquele canal de televisão: “Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas”.

Entre blocos e capítulos, estão uma parte dos nossos registros fotográficos. Nosso acervo já tem mais de 4 mil fotos, o que tornou a curadoria um trabalho difícil e dolorido. Cada escolha foi feita da forma mais imparcial possível, para trazer diversidade de trabalhos e estilos de letras, mesmo que algumas de nossas fotos favoritas tenham ficado de fora.

Um aviso importante: esse livro foi feito em menos de um ano. Isso significa que conciliamos a pesquisa com viagens, trabalho, vida pessoal, cuidar do cachorro (o nome dele é Serifa, aliás), das plantas e lavar aquela pilha de louça. Para viajar pelo estado, aproveitamos feriados, férias e até o trabalho remoto. Mas ainda sim, não parecia suficiente. Por isso, para conseguirmos chegar aonde o tempo e a distância não permitiriam, usamos fotos do Google Street View de algumas cidades. Às vezes parecia que estávamos roubando, mas como nos ensinou o Paulo, um dos pintores lá de Lages, “se tem a tecnologia, vamos usar”.

E agora uma dica: a primeira parte do livro é importante para ficarmos na mesma página sobre os

conceitos que guiaram essa pesquisa. Depois, tu pode ficar à vontade para ler as entrevistas na ordem que quiser. Pode começar pela região de Santa Catarina que tu mora, que já visitou ou até por aquele pintor que tu conhece. Já na última parte, cada artigo tem começo, meio e fim, então dá para ler no teu tempo e na ordem que tu preferir.

Sobre o estilo de escrita, optamos por algo simples e longe dos padrões acadêmicos (em alguns casos, demos um chutão na ABNT), isso foi um grande desafio para o lado professor do Rafael. A ideia é que tu sintas que tá conversando com a gente e com os pintores, não tem? Para quem é da área acadêmica, talvez pareça uma discussão meio informal demais, mas o objetivo sempre foi furar a bolha. Tornar essa conversa restrita seria meio elitista e bem diferente da proposta do livro. A ideia é que ele seja acessível para que o maior número de pessoas entenda a importância do trabalho dos pintores letristas e porque devemos valorizar e preservar esse saber.

Em resumo, nas próximas páginas, tu vai embarcar numa viagem por Santa Catarina, conhecendo as letras, os pincéis e as pessoas que ajudam a construir os símbolos culturais que compõem nossa memória coletiva e afetiva, aquilo que faz a gente se sentir brasileiro.

Agora, pega teu suquinho de butiá e boa viagem!

Nicole e Rafael.  
*Criciúma, janeiro de 2025*



São Miguel do Oeste

Santiago do Sul

Chapecó

Jaborá

Concórdia

Joaçaba

Argentina

Rio Grande do Sul



# PREFÁCIO

Este é um livro que trata de Cultura, em especial popular, mas também trata de Patrimônio Imaterial, de Cultura Visual, de Design e de Letreiros Populares. Trata, principalmente, de pessoas, artistas, letristas populares e sua produção gráfica. São inúmeras qualidades, e é necessário avisar o leitor que, uma vez iniciada a leitura, será difícil parar. E mais, há um risco enorme de contaminação.

Pode-se afirmar que há no mundo duas classes de pessoas: as que amam as “letrinhas” e as que não percebem diferenças entre elas. O mais bacana é que esta segunda classe, uma vez despertada para a beleza das letras, imediatamente embarca na primeira classe. A paixão pelas letras é como um vírus incurável, uma vez contaminado não se consegue mais se livrar dele.

É o caso da Nicole e do Rafael. Eles tinham o vírus incubado, e quando ele se manifestou (positivamente) levou a resultados memoráveis, este livro é um deles. Nicole é publicitária, atua na área de marketing e confessa, que desde a época em que se recusava a ir para a creche, convivia com pintores de letras no comércio onde seus pais trabalhavam. Rafael, designer e professor, despertou para a tipografia na pós-graduação. Um belo dia, os dois despertaram para o universo dos letristas populares, o que os levou a conhecer Irmão Ramos, cuja história conheceremos neste livro. O resultado foi a criação colaborativa da fonte “Abençoada”. Hoje a fonte é comercializada e o Irmão Ramos recebe por ela.

Entretanto, mais do que um livro sobre letras, letristas e letristas, esta obra se associa brilhantemente ao conjunto de publicações sobre a Memória Gráfica Brasileira que vem sendo publicado em nosso país. Ela amplia o olhar sobre a cultura visual brasileira, deixando de lado a valorização de práticas importadas e deitando um olhar respeitoso sobre a produção popular. Práticas encontradas nas periferias dos centros urbanos, nos interiores, nos caminhos de terra batida e nas beiras de rios, práticas verdadeiramente nacionais. Um Brasil real, sem filtros.

Segundo Priscila Farias<sup>2</sup>, nos últimos 20 anos, um número significativo de estudos tem sido realizado na América Latina sob o rótulo de Memória Gráfica. Esses estudos resultaram em coleções de dados visuais, muitas delas disponibilizadas digitalmente e de livre acesso, contribuindo para uma compreensão das tradições visuais e gráficas locais. Tais estudos tendem a destacar as peculiaridades dos aspectos visuais de artefatos gráficos, em sua maioria vernaculares, produzidos por pessoas que, muitas vezes, não são identificadas. Artefatos estes, a que tem sido negado um lugar na história do Design. Ao tomar distância de métodos de história da arte tradicionais, que tendem a concentrar-se em autores extraordinários e suas obras excepcionais e inovadoras, os estudos sobre Memória Gráfica permitem uma abordagem imparcial para a cultura visual e impressa do passado (e presente) local.

A visão modernista de um design universal, eu-rôcêntrica, que pretensamente engloba a todos,

tem como consequência a colonização dos saberes originários e o apagamento das culturas tradicionais. Essa naturalização dos valores e conceitos importados precisa acabar, é preciso ressurgir o Brasil real. Para isso basta desobstruir o olhar do que é imposto pelo mainstream para conseguir observar a comunicação que a imensa maioria da população exerce e com a qual se identifica. “Vende-se esta”, “Aluga-se”, “Frango assado”, “Temos chopp”, “Costureira”, “Quentinhas - 5 reais”, “Temos pescada”, “Aberto”, “Proibida a entrada”, “Cuidado cão bravo”, “Borracharia”. A lista é interminável. São letreiros criados a partir de necessidades reais, feitos de forma informal para atender um problema urgente. Há outras, realizadas a pincel, por profissionais letristas, com informações mais bem organizadas e, principalmente, em diálogo direto com o público a que se destina.

O Brasil tendo sido colonizado por visões de mundo e de design estranhas à sua verdade, sempre esteve de costas para a cultura visual popular, procurando atender às classes economicamente privilegiadas, cego à produção popular. Historicamente, a formação na área criativa vem de conceitos alheios, europeus ou americanos. A realidade é que a imensa maioria da população brasileira não comunga destes princípios eurocêntricos, impostos cotidianamente às suas vidas, os obrigando a viver em espaços urbanos preenchidos com uma comunicação que não fala para ou sobre essa população. Mas a comunicação (e a cultura) popular existe e resiste. Ela não é invisível; é invisibilizada. E mais, ela não é anônima: tem autor. Portanto, também é preciso desnaturalizar o hábito de se colecionar amostras de manifestações populares com o objetivo de criar projetos de Design. São puro extrativismo cultural e não apenas usadas como referência. A referência no Design e demais áreas criativas é o alimento para a inspiração, não podendo ser utilizada indiscriminadamente sem indicação ou benefício ao autor.

Este é o grande mérito deste livro, que nasce da profunda pesquisa com pessoas, os autores dos letreiros populares, identificando-os e nomeando-os, para seguir em pesquisa em arquivos sobre os precursores desses saberes nestas regiões. Destaco como especial-

mente importante o recorte regional, que foge do eixo das historiografias mais bem documentadas. Espero, sinceramente, que esta obra seja inspiração e estimule outros jovens a seguirem com novas pesquisas, ajudando a ampliar nosso entendimento dessa imensa produção nacional.

Precisamos fortalecer nossa identidade brasileira a partir de nosso território. Segundo Rafael Cardoso<sup>2</sup>, “a identidade baseia-se na memória: eu sou quem eu sou porque fui o que fui”. A memória é a experiência deslocada de seu ponto de partida na vivência imediata. A memória é filtrada, constituída de muitas partes, a partir de nossas múltiplas experiências, tanto emocionais quanto aquelas mediadas por artefatos. Precisamos conhecer melhor todos os Brasis, e são muitos. Este livro é um convite a isso.

Boa leitura!

#### **Fernanda Martins**

*Designer paulista, professora e pesquisadora em tipografia. Diretora do Instituto Letras que Flutuam, dedicado ao reconhecimento e valorização das ribeirinhas e ribeirinhos abridores de letras na Amazônia.*

LAVANDERIA



Tubarão

MISTICO  
EM GERAL.



CONCE

LE HIL

1705

STORIA

# CAMINHANDO ENTRE LETRAS

Se você não trabalha com design gráfico, publicidade ou alguma área parecida, é possível que nunca tenha parado para pensar na importância e na presença constante das letras na paisagem urbana. Bom, talvez você até tenha pensado sobre, mas é provável que isso não tenha levado mais que alguns minutos do seu tempo, nem tirado seu sono. Afinal, como disse o tipógrafo Douglas McMurtrie, as letras estão por aí como o ar que respiramos. Mesmo antes de aprendermos a ler, elas já estão lá, como desenhos abstratos que ainda não nos ensinaram a dar significado.

Se você está conseguindo ler o que está escrito aqui, é porque aprendeu que cada um desses desenhos representa um som do nosso idioma e que, juntos, eles formam as palavras que compõem esse texto. Quando começamos a dar sentido a esses traços, passamos a consumir letras que nos ajudam a fazer escolhas, nos dizem onde estamos e para onde ir, ajudam a nos manter seguros, nos influenciam a comprar este produto em vez daquele. Elas estão em paredes, muros, beiras de estradas, garagens, prédios, e até mesmo no chão. Estão em placas de trânsito, outdoors, vitrines e painéis digitais. Com elas, grandes e pequenos comerciantes anunciam seus produtos, pneus indicam borracharias ao longo de rodovias, cartazes feitos à mão informam o horário de atendimento ou que alguém “volta já”. As letras nos mostram os serviços oferecidos, nos dizem o que é permitido ou não, revelam qual é o prato do dia em painéis de LED ou quadros negros. São letras ousadas, ingênuas, clássicas, toscas, refinadas, legíveis ou in-

decifráveis. São reproduzidas por impressão digital, caneta esferográfica, impressão offset, plotter de recorte, letras caixas, pinceladas e por aí vai. Onde quer que exista uma necessidade de comunicação, elas estão lá. E provavelmente sempre estarão.

Na paisagem urbana, as letras e as palavras que elas formam, podem ser produzidas formalmente por artistas, arquitetos, designers ou publicitários. Ou informalmente, por pintores letristas ou cidadãos comuns que precisam informar algo e nem sempre têm conhecimento técnico ou mesmo autorização para isso.

Há algumas décadas, muitas das letras do cenário urbano eram criadas quase exclusivamente pelas pinceladas habilidosas dos pintores letristas. No entanto, a variedade de formas de criar e reproduzir letras e a chegada dos novos processos de impressão digital, mais baratos e rápidos, fizeram com que essa profissão se tornasse menos comum. Muitos letristas se adaptaram às novas tecnologias para continuar no mercado, outros se afastaram ou mudaram de ramo. Outros ainda resistem.

As letras pintadas ainda fazem parte do nosso cotidiano, seja nos pequenos comércios de bairros periféricos, em **letristas fantasmas** esquecidos pelo tempo ou através de uma nova geração de pintores letristas que vem revitalizando essa arte.

É um fragmento da história dos envolvidos nesse processo que queremos contar.

Por que? Porque isso é parte da nossa história e da nossa cultura. ✨

**Letristas fantasmas:** também conhecidos como ghost signs, são antigas pinturas de anúncios que, ao longo do tempo, ficaram desbotadas, desgastadas ou foram cobertas por novas camadas de tinta, tornando-se quase transparentes, mas ainda visíveis. São marcas do passado, fantasmas de uma história comercial e cultural que já se foi.







PANO

CATARI

RAMMA

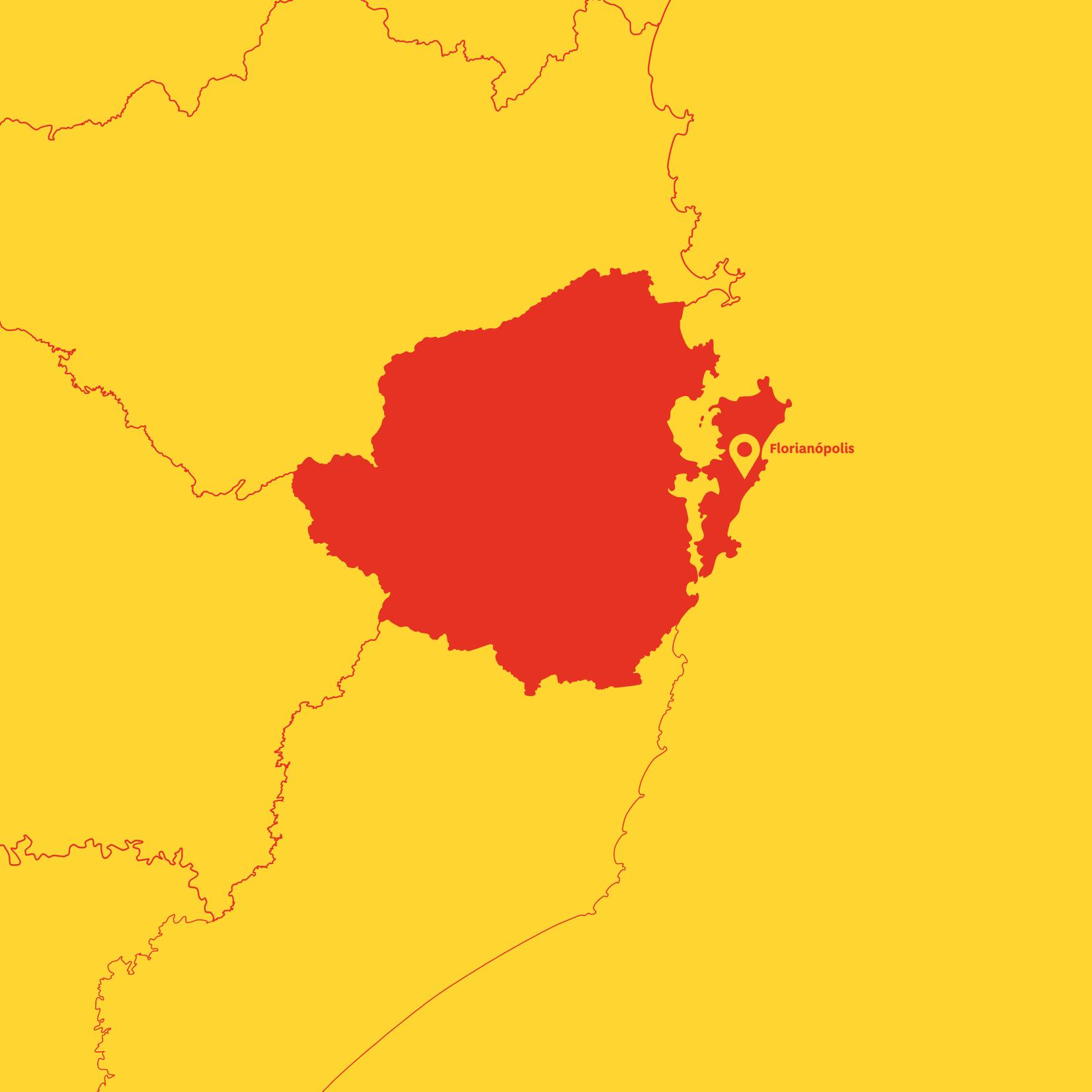
NENSE

# GRANDE FLORIANÓPOLIS



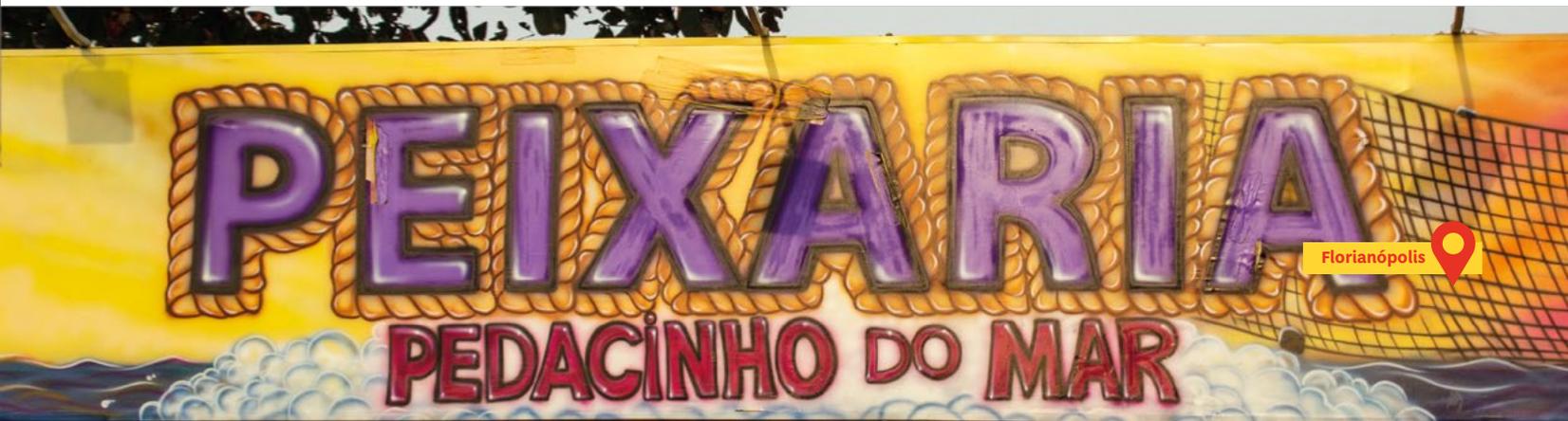
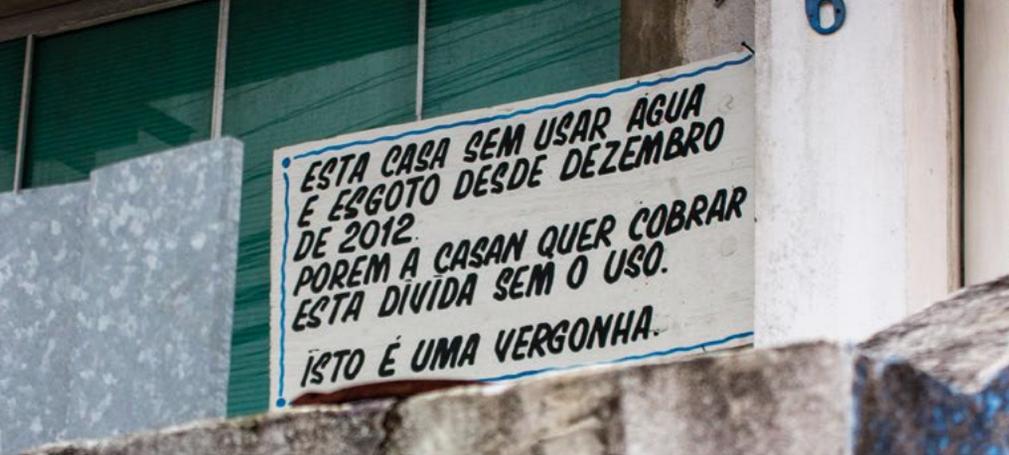
A Mesorregião da Grande Florianópolis está localizada no litoral central do estado e é composta por 22 cidades, lar de aproximadamente 1.356.861 pessoas. Os setores de comércio, serviços e turismo se destacam na região, que também tem atividades significativas em tecnologia e inovação. A região é um importante destino turístico, famosa por suas praias e pela forte influência dos imigrantes italianos, alemães e, principalmente, açorianos. Aqui, concentramos as entrevistas na capital catarinense.

**FLORIANÓPOLIS:** a capital catarinense foi fundada em 1673 e já foi chamada de Ilha de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, depois só Desterro e agora é carinhosamente apelidada de Floripa. Hoje é habitada por mais de 576 mil pessoas e, além de ser famosa por suas praias, é um dos principais polos da indústria tecnológica do Brasil. Apesar do crescimento urbano acelerado, Floripa ainda tem seus cantinhos tranquilos e quase bucólicos.



Florianópolis





# AFONSO AZEVEDO COSTA

📍 Florianópolis



Em plena avenida Beira Mar Norte, com vista privilegiada para a ponte Hercílio Luz, mas espremida entre prédios, a pequena oficina de pintura “Beira Mar Letreiros” resiste.

O proprietário, Afonso Azevedo Costa, 60 anos, é natural de Recife, mas veio com a família para Florianópolis aos dez anos de idade. Desde então, vive na casa que era dos pais, nos fundos de onde hoje funciona sua oficina. Apesar das ofertas pelo terreno, localizado numa área nobre, Afonso optou por permanecer. “Conversam, conversam, mas na hora de pagar o que tem que pagar, não pagam”, desabafa.

De papo fácil, Afonso conta que sempre gostou de desenhar e começou a trabalhar ajudando na montagem da estrutura de placas e preparando o fundo para outros pintores. Depois disso, foi cartazista nos mercados Pão de Açúcar e Imperatriz. Em meados nos anos 1990 montou um negócio próprio no porão da casa dos pais. De lá para cá, se divide entre a pintura de fachadas e faixas e o trabalho ocasional como cartazista. Mas também já trabalhou como porteiro para equilibrar as finanças. Contudo, uma cirurgia recente para tratamento de uma úlcera o forçou a reduzir sua carga de trabalho, focando quase exclusivamente na pintura de faixas e cavaletes.

“Depois que fiquei doente é que deu uma acalmada. Eu tinha até dois serviços, perdi. Um ali em Barreiros, ia fazer uma pintura na igreja. Ia fazer uma frase, assim, né? Tinha um arco-íris e uma pomba no meio. Ia ficar legal, mas não deu pra fazer”.

Atualmente, sua fonte de renda principal é a produção de faixas e placas, atendendo uma variedade de clientes em toda a ilha, especialmente corretores, proprietários de imobiliárias, estacionamentos e faixas anunciando a aprovação de estudantes no vestibular. “Já fiz coisa pra caralho, cara. Lavação de carro, fiz um monte de estacionamento. Já pintei até no cemitério, retocava os jazigos. Já pintei barco também, vários. Eu já fiz coisa do arco da velha”.

Entre trabalhos inacabados, ele lembra experiências engraçadas com seus clientes. Um dos episódios envolveu um cliente indeciso sobre o nome do negócio. “O cara abriu um quiosque, uma lanchonete. O homem nem sabia o nome que ia botar na lanchonete, só pediu pra escrever lanchonete. Mas ele escreveu errado, botou lanchote. Aí eu peguei e botei lanchote na placa, né? Porque foi ele que botou. Aí ele chegou aqui, olhou e disse: ‘Pô, mas tá errado’, eu respondi: ‘Lanchonete não é assim, eu sei, mas o senhor que escreveu, né?’. Aí ele ligou para a mulher dele: ‘É, eu fiz errado. Ficou errado. Lanchote, não sei!’. A mulher falou: ‘Ah, não, então deixa assim!’. Aí o nome da lanchonete ficou lanchote. Um erro que deu certo”, lembra rindo. “E cliente é chato, bicho. Cliente é chato pra caralho”.

Apesar da brincadeira, Afonso é metuculoso e desenvolveu métodos próprios ao longo dos anos para melhorar a relação com os clientes. “Eu pergunto o que ele quer, daí ele fala. Se ele quer uma plaquinha de vende-se, aí pergunto o tamanho. Aí pergunto onde é que ele vai colocar pra entender. Porque assim, ó, eu dou um toque pro cliente. Pra ele não jogar o dinheiro fora, já digo: ‘Não é bom botar essa faixa, é melhor colocar essa’”.

Para trabalhos menores, como faixas e cavaletes, ele costuma usar o que chama de “**letra de cartaz**”. “Tu só faz a altura que tu quer, escreve pra ver se vai dar certo, de lápis ou de giz, depende do material, né? Mas depois faz no pincel direto”, explica.

Já para trabalhos maiores, como pinturas de muros e fachadas, ele costuma medir o local, dividir o espaço para as letras e, na oficina faz moldes de papelão com o desenho final das letras. “Não sou burro, eu vou lá, calculo o muro, chego em casa e já faço as forminhas e já vou com elas prontas”. Afonso é um grande crítico do trabalho de quem “tira tudo no grito”. “Por que que não passa uma linha, né, cara?”, ele se pergunta enfatizando a importância de manter proporções consistentes entre as letras, evitando erros e economizando tempo no processo. “O A eu sei que

**Letra de cartaz:** seria um estilo muito ligado ao uso da ferramenta, seja pincel ou canetão. Esse tipo de letra é marcado por traços simples, caligráficos e de espessura uniforme, nem sempre contínuos. Em outras entrevistas, letras com as mesmas características foram chamadas de “letras rápidas” ou “quebra-galho” pela agilidade com que são feitas. Sempre que tiver dúvidas sobre os estilos de letras, você pode consultar a página 196.





é a letra maior que tem, o A e o B, né? O A, o B, o M são tudo letras maiores. O E, pra mim, é a letra menor que tem, eu sempre faço o E menor, mais estreito. Aí o resto faço tudo nessas mesmas proporções. Até porque eu não gosto de chegar na parede e desenhar direto. Se o cara erra tem que apagar tudo. Eu gosto de não perder tempo, cara. Já tenho as forminhas, já levo tudo pronto”, explica.

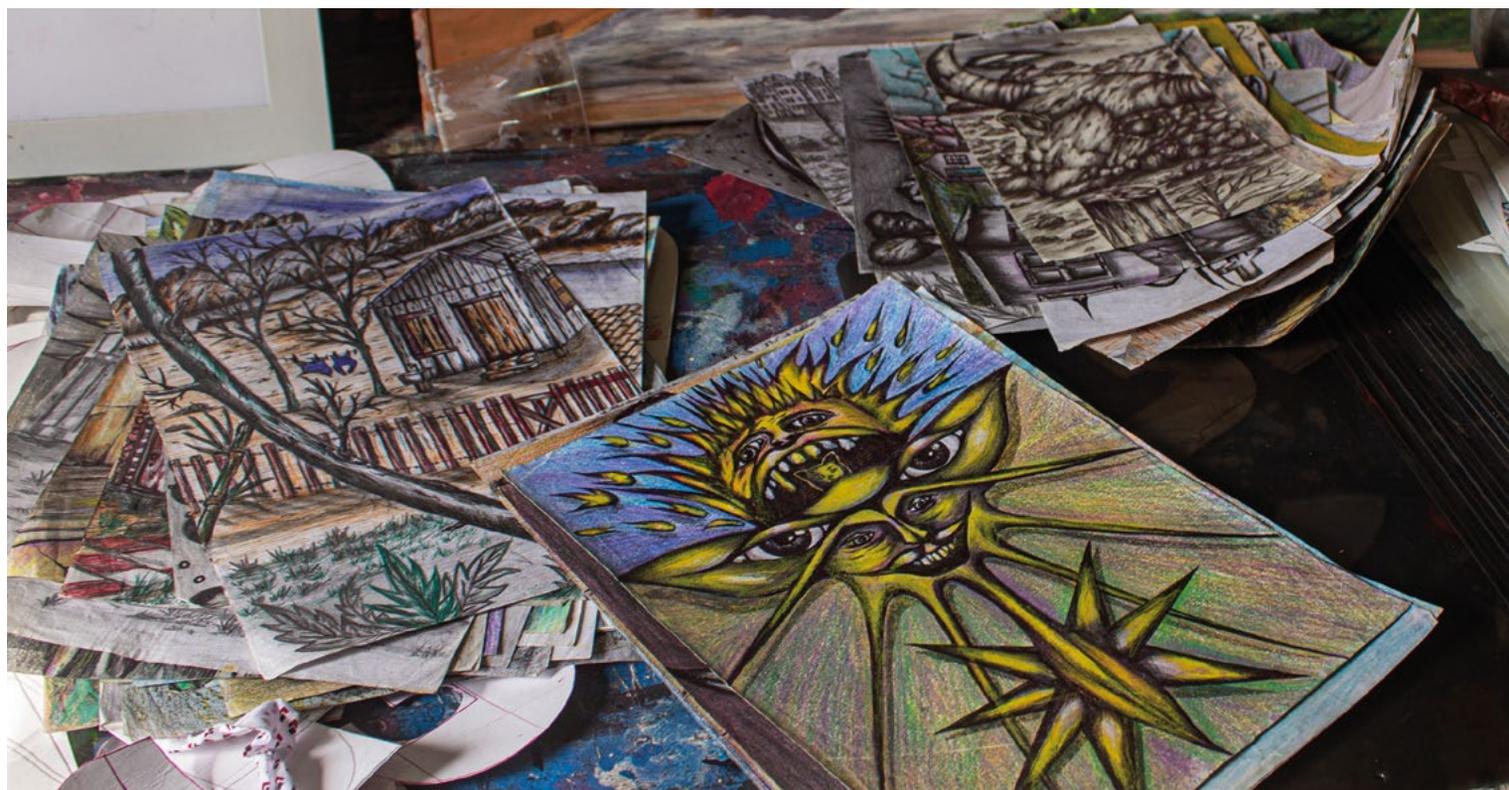
Quando se trata de materiais, Afonso prefere trabalhar com tinta acrílica em vez de tinta a óleo. “Eu não uso mais tinta óleo porque tem que usar solvente, aí faz mal”. Ele não tem preferência por pincéis, mas não gosta de trabalhar com pincéis de pelo muito longo, prefere encurtá-los. “Aí arrasta melhor, não tem?”.

Mesmo com as mudanças tecnológicas, Afonso acredita que, se a saúde permitir, ainda pode se manter no mercado por um bom tempo. Ele até tentou se modernizar com um computador e uma plotter de recorte em meados da década de 2010, mas quando os equipamentos deram defeito, voltou à pintura tradicional. Hoje, ainda trabalha com adesivos, mas utiliza apenas estilete para cortar. Em 2015, chegou a criar uma página no Facebook, mas hoje prefere a divulgação

boca-a-boca e por cartões de visita, o que acredita funcionar bem. “Uma vez veio um pessoal de São Paulo, da Independente, a torcida. Aí eles têm aquela faixa grandona escrito Independente, vinte e três metros. Eles vieram jogar contra o Figueirense aqui, mas esqueceram a faixa lá. Eles tavam no hotel, e os caras do hotel me conheciam e indicaram, e eles vieram fazer a bandeira”, exemplifica.

Além do talento já reconhecido na cidade, há um outro lado de Afonso que se destaca em meio ao amontoado de placas e materiais de pintura da oficina: desenhos a caneta e giz, pendurados pelas paredes. “O que eu gosto mesmo é de ficar desenhando. Sem compromisso, sem terminar. E nem termino. Daí eu já gosto de pegar outro e já faço. Só desenho louco”, diz, sobre suas paisagens surreais e criaturas fantásticas e bizarras.

Entre as placas e faixas e “desenhos loucos”, a esposa Márcia, que trabalha com artesanato e o ajuda quando possível, descreve Afonso com uma boa dose de humor: “É um marido CCE: conserta, conserta, estraga, mas como pintor eu assino embaixo, é uma Brastemp”. ✨



# **LETRA DE RECORTE**

Também chamada de Arial, Letra de Bico, Letra de Forma, Letra Riscada

São letras que costumam ser desenhadas com o auxílio de marcações para garantir que as proporções sejam precisas. Os traços costumam ter largura uniforme e as pontas são retas ou em bico, não tem serifas. Às vezes, podem ter variações em itálico.

**FLORICULTURA**  
**AUTO MECÂNICA**  
**LANCHOTE**

# LETRA BASTÃO

Também chamada de Bananinha

Essas costumam ter as mesmas características das letras de recorte, mas com pontas arredondadas.

ESPELHAMENTO  
& POLIMENTO

ÁGUA  
MINERAL

Воллашалиа

96.12.3767

35.24.6748

24 HORAS

24 HORAS



Araranguá

aprovação

AL

PEIXES  
3 K POR 10 REAIS

Criciúma



A DENTRO DE MIM. ENTÃO OUVI  
DO, ME DIZENDO O QUE  
SIRÁ DE VÓS" TIAGO  
DIREÇÃO A TEMPESTADE  
TEI E DISSE: "DIABO, QUE  
E VOCE DESTRUIR ESTE  
E DARA UMA TENDA TRÊS  
QUELE INSTANTE ACONT  
FASTARAM. COMECARAM A  
A ESTAVA ACABADA!  
RAM. E A TENDA PERMAN

CÓCADA

DE

BUTIA

A LUZ  
É MA  
OLHO

DIVIDIA

OFU

S PARA

TURO



# À BEIRA DO MAR DE MESMICE

Já falamos aqui sobre como novos materiais, tecnologias, e até mesmo a regulamentação (ou a falta dela), afetaram o trabalho dos pintores letristas. Mas há outro efeito colateral dessa evolução. Em muitas cidades do estado já é possível notar que grandes placas de ACM cobrem a arquitetura original enquanto elementos da comunicação visual parecem escolhidos com base em tendências globais. Há quem diga que isso está deixando os centros comerciais e culturais das cidades cada vez mais parecidos e genéricos. Isso levanta uma questão: até que ponto essa uniformização impacta a identidade e o patrimônio das comunidades?

É compreensível que grandes marcas queiram manter uma identidade consistente em todos os lugares do mundo. Famosas redes de fast-food, hotéis e outras franquias costumam adotar projetos arquitetônicos e identidades visuais padronizadas para criar uma sensação de reconhecimento e familiaridade. Para atender essa demanda, designers, arquitetos e publicitários, muitas vezes, escolhem soluções seguras e facilmente replicáveis, mirando um público bem variado. No entanto, essa tendência pode acabar não se limitando às grandes marcas. Pequenos negócios locais podem sentir a pressão de parecerem mais modernos ou competitivos e adotam essas mesmas soluções visuais como se fossem um guia de estilo.

Essa tendência não viria apenas da vontade das marcas, mas também do fácil acesso a referências visuais globais. Com plataformas como Instagram, Pinterest

e Behance, qualquer pessoa pode buscar inspirações de qualquer parte do mundo. Isso pode ter um efeito positivo, já que trabalhos de qualidade estão acessíveis para servir de referência seja em Berlim ou em [Santiago do Sul](#), a menor cidade de Santa Catarina. Por outro lado, depender apenas dessas plataformas, onde a criatividade passaria a ser guiada por algoritmos que limitam a exposição a certas fontes de referência, transformaria a busca por inspiração em um “mar de mesmice”.

Nas cidades, o efeito seria que, quando elementos que carregam a história e a criatividade de uma cidade são substituídos por uma monocultura estética, estaríamos dissolvendo um pedaço importante do nosso patrimônio cultural naquele mesmo mar de mesmice. Afogadas neste mar, as pessoas acabariam tendo seu senso de pertencimento enfraquecido.

Para alguns críticos, essa homogeneização não é apenas o resultado da evolução tecnológica, mas também de uma imposição de um mercado capitalista<sup>2</sup> em busca de escalabilidade e eficiência. A estratégia seria criar uma cultura global homogênea, onde padrões estéticos e comportamentais, frequentemente ditados pelos Estados Unidos e pelo “Ocidente”<sup>3</sup>, prevaleceriam. Ao enfraquecer potenciais barreiras culturais, as marcas conseguiriam introduzir produtos e serviços padronizados com mais facilidade, evitando os custos de adaptação às culturas locais.

Mas existem bolsões de resistência a essa maré. Algumas cidades ou mesmo países buscam preservar

[Santiago do Sul](#): tem um registro da cidade na página anterior, a 236.

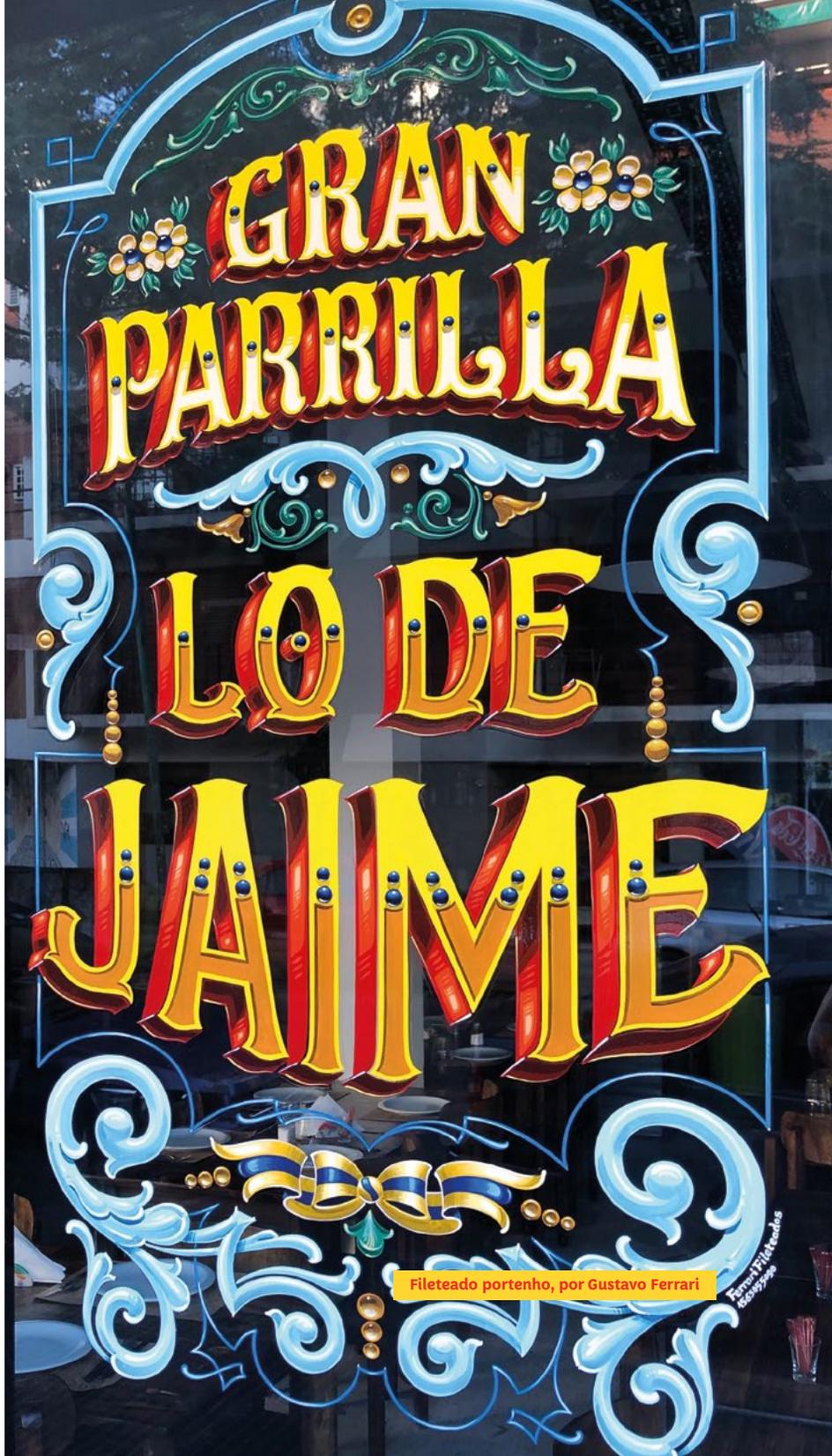
expressões culturais ligadas a elementos da sua comunicação visual.

Um exemplo é o maravilhoso fileteado portenho, uma forma de arte típica de Buenos Aires que virou um cartão-postal da cidade. Essa técnica de pintura, feita com pincéis de pelos longos, é famosa por suas cores vibrantes e letras decoradas, sempre cercadas por formas intrincadas de plantas ou animais. A origem dela parece estar ligada a pintores italianos que chegaram à cidade no final do século XIX. É bem provável que eles tenham trazido a inspiração dos carretti siciliani, carroças decoradas com pinturas elaboradas e que fazem parte da cultura vernacular da ilha da Sicília<sup>4</sup>. Já o tipo de letra usado no fileteado, chamado de esgróptico, parece também ser uma releitura de estilos europeus. A letra esgróptica, bem comum nos primeiros dias do fileteado, mistura características da tipografia gótica com um toque colorido, decorado e tridimensional, conhecido como repiqué. A inspiração para essas letras parece ter vindo das notas do dinheiro argentino, que eram impressas em Londres<sup>5</sup>.

No início, o estilo era utilizado para decorar carroças que entregavam mercadorias pela cidade<sup>6</sup>, mas, com o tempo, se espalhou para caminhões e ônibus e depois para bancas, mercados e bares, impregnando toda Buenos Aires. Tanto que, em 2015, o fileteado foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

Hoje, ao dar um passeio por Buenos Aires, seja pelos bairros modernos ou os mais tradicionais, é impossível não se deparar com o fileteado. Lojas, bares e restaurantes usam esse estilo nas fachadas, vitrines e identidades visuais. Em bairros históricos como San Telmo e La Boca, o fileteado desempenha um papel fundamental, já que a decoração das fachadas e espaços públicos com essa arte não apenas embeleza, mas também ajuda a atrair turistas, dando um empurrãozinho na economia local. Mesmo com a popularização de adesivos e impressões digitais, uma parte significativa dos fileteados ainda é feita à mão, tornando a cidade um verdadeiro museu a céu aberto.

Outro exemplo de resistência vem do Peru, com os cartazes chicha e suas letras coloridas fosforescentes.



Fileteado portenho, por Gustavo Ferrari

**Projeto Gráfico:** Rafael Hoffmann e Nicole Castro

**Diagramação:** Rafael Hoffmann

**Capa:** Rafael Hoffmann e Eric Lenon do Aguiar

**Revisão:** Vanessa Wendhausen Lima

**Créditos das imagens:** pg. 29: Marco Gomes (Creative Common); pg. 31: Sâmia Batista (Letras Que Flutuam); pg. 39a: Adhi Agus Oktaviana (BRIN - Badan Riset dan Inovasi Nasional); pg. 39b: Amphipolis (Creative Common); pg. 40: Jean-Baptiste Debret (Domínio público); pg. 41: Museu Histórico Thiago de Castro (Acervo); pg. 43: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; pg. 45: Manual do Cartazista (SENAC); pg. 46-47: Manual do Letrista (SENAC); pg. 48-49: jornais de origem estão indicados nas notas; pg. 50: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez; pg. 51: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva; pg. 52-53: Arquivo Histórico de Joinville; pg. 54: Museu Histórico Thiago de Castro; pg. 55: Museu Antonio Selistre de Campos e Museu de História e Arte; pg. 56: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina; pg. 57: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; pg. 79: Luiz Machado; pg. 90: Rogério Nascimento; pg. 96: Google Inc.; pg. 99: Google Inc.; pg. 107a, b: José Moacir Magalhães; pg. 117: Google Inc.; pg. 127: César Brito; pg. 130: Ednei Borges; pg. 134: Google Inc.; pg. 136a,b,c,e,f: Google Inc.; pg. 142, 144 e 145: Paulo Roberto da Silva; pg. 154-155: Google Inc.; pg. 157a,b,c: Google Inc.; pg. 159 e 161: Jovelino Tadeu Rosa; pg. 165 e 167: Gilvan do Prado Lima; pg. 172 e 173: José Elizeu da Costa; pg. 176b,c,d: Google Inc.; pg. 177: Google Inc.; pg. 179: Google Inc.; pg. 180, 181 e 183: Darlan Joelson Valentim; pg. 187c,d,e: Elemar de Bastos; pg. 220: Soeli Ramos Martins; pg. 232: Marcelino Mello; pg. 233 e 235: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis; pg. 236 e 237: Google Inc.; pg. 239: Gustavo Ferrari; pg. 240: Yefferson Huamán; pg. 241e: Rosemiro de Oliveira Medeiros (Letras Que Flutuam); pg. 243: Richars Meza e IS Creative Studio; pg. 247: Filipe Grimaldi; pg. 249a: Letra Que Flutuam ; pg. 249b: Abridores de Letras; pg. 249c: Hand Painted Brazil; pg. 249d: Tipo Brasileiro; pg. 249e: Tipos Paulistanos; pg. 249f: Vernaculando; pg. 266a: Vitor Fernandes da Silva; pg. 266b: Sabrina Feltens; pg. 266c: Samuel Lenzi; pg. 266d: Gabriel Krahl. Os direitos dessas imagens são reservados aos seus titulares.

Fizemos o possível para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem deste livro. Caso algo esteja errado ou faltando, nos comprometemos a corrigir ou incluir em futuras reimpressões.

Todas as demais imagens são do acervo do projeto Pintores de Letras e têm seus direitos reservados.



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pintores de letras : uma viagem pela cultura popular e memória gráfica de Santa Catarina / Nicole Castro, Rafael Hoffmann. -- Criciúma, SC : Ed. dos Autores, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-26750-0

1. Comunicação visual 2. Design gráfico 3. Publicidade - Brasil - História 4. Santa Catarina - História 5. Tipografia I. Hoffmann, Rafael. II. Título.

24-243989

CDD-741.6

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Design gráfico : Artes 741.6

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Tiragem: 660 exemplares

Realizado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), por meio do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Edição 2023.

Copyright © 2025 by Nicole Castro Scheffer Rodrigues e Rafael Hoffmann Maurilio

Todos os direitos desta edição são reservados ao projeto Pintores de Letras.

  
**PINTORES  
DE LETRAS**

REGISTROS DOS LETREIROS POPULARES  
DE SANTA CATARINA

[pintoresdeletras.com.br](http://pintoresdeletras.com.br)

[pintoresdeletras@gmail.com](mailto:pintoresdeletras@gmail.com)

[instagram.com/pintoresdeletras](https://www.instagram.com/pintoresdeletras)



Pelas rodovias, estradinhas de chão e ruas de lajota de Santa Catarina, traços de tinta registram histórias. Em fachadas de comércios, placas esquecidas e letreiros improvisados, o passado e o presente se encontram, revelando uma cultura cheia de vida, mas que, muitas vezes, passa despercebida. *Pintores de Letras* é mais do que um livro; é um convite para uma viagem por esses caminhos e pelas paisagens da gráfica popular do estado.

Nesta viagem guiada não só por mapas, mas também por imagens e histórias, você conhecerá os pintores letristas que, com seus pincéis e tinta, ajudam a moldar a cara das ruas e da comunicação visual catarinense.

Com um olhar atento à cultura popular, o livro mostra a relação entre os letristas e suas cidades, enquanto reflete sobre como a tecnologia, as leis urbanas e o ritmo acelerado do mundo moderno influenciam esses cenários.

Feito para ser folheado com calma, apreciando cada detalhe, *Pintores de Letras* é um guia de viagem que te convida a redescobrir a beleza da simplicidade, a valorizar o trabalho artesanal e a refletir sobre as histórias que as letras populares têm para contar.

*“O Brasil tendo sido colonizado por visões de mundo e de design estranhas à sua verdade, sempre esteve de costas para a cultura visual popular. Precisamos conhecer melhor todos os Brasis, e são muitos. Este livro é um convite a isso”.*

**Fernanda Martins, designer e pesquisadora**

*“Toda vez que vejo um desses mapeamentos, fico muito feliz. Fico feliz porque as pessoas que aparecem nesse livro — e em outros semelhantes — são, na maioria das vezes, invisíveis. Mas elas cumprem um papel importantíssimo na sociedade”.*

**Filipe Grimaldi, pintor letrista**



**ENTRADA**

ISBN: 978-65-01-26750-0



9 786501 267500